

MÉDICOS X INDÚSTRIA

Influência dos laboratórios pode comprometer pesquisa científica

“Quase todos os ensaios clínicos sobre drogas são pagos por quem as fabrica. A indústria farmacêutica manipula os estudos de forma a exagerar os benefícios da droga e minimizar seus efeitos colaterais.” A denúncia é da jornalista norte-americana Melody Petersen, ex-repórter do jornal *The New York Times*, que acaba de lançar o livro *Our Daily Meds: How the Pharmaceutical Companies Transformed Themselves into Slick Marketing Machines and Hooked the Nation on Prescription Drugs*.

A obra reforça o alerta feito pela médica Marcia Angell, ex-editora do *New England Journal of Medicine*, no livro “A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos: como somos enganados e o que podemos fazer a respeito” (Ed. Record). Considerada uma das 25 personalidades mais influentes dos Estados Unidos pela revista *Time*, Angell afirma que a literatura médica, na descrição de seus produtos, não é nada confiável. Em entrevista à revista “IstoÉ Dinheiro” (04/07/07), explica: “No passado, as empresas pagavam por ensaios clínicos para testar medicamentos, mas isso acabou. Agora, são elas mesmas que não só elaboram os estudos, como analisam e interpretam os resultados. Isso dá aos laboratórios uma imensa capacidade de controlar todo o sistema e, obviamente, eles podem maquiá-lo o medicamento, mostrando no estudo que o produto é melhor do que realmente é”.

A ligação entre autores de artigos científicos e a indústria farmacêutica já foi tema de vários estudos. Pesquisa publicada na revista britânica *Nature* (20/10/05) revela que um terço dos autores de protocolos clínicos tem ligações financeiras com laboratórios. Dentre os 200 algoritmos analisados, 90 informavam sobre conflito de interesses. Ao examinar esses 90 protocolos, a *Nature* chegou a 685 autores. Destes, 143 (21%) afirmaram prestar consultoria direta para companhias farmacêuticas. Os protocolos clínicos influenciam prescrições médicas e consensos terapêuticos, inclusive no Brasil.



Molly Hawkey

A jornalista norte-americana Melody Petersen, especializada na cobertura da indústria farmacêutica, alerta para a manipulação de estudos científicos

Segundo o Conselho Federal de Medicina, o médico pode desenvolver pesquisas para a indústria farmacêutica desde que declare publicamente seu vínculo e o grau de comprometimento (conflito de interesses). O problema é que isso nem sempre é feito. “Muitas vezes, trata-se de um professor titular de uma universidade federal ou estadual famosa, que omite seu vínculo com um determinado laboratório, dando credibilidade à sua fala. São *speakers* muito bem pagos que escrevem artigos em revistas médicas ou dão palestras em congressos sem revelarem conflito de interesses”, critica o 1º vice-presidente da entidade, Roberto d’Ávila.

A jornalista Melody Petersen faz uma constatação ainda mais preocupante, ao afirmar em seu livro que um incontável número de artigos publicados em periódicos médicos é elaborado em agências de publicidade ou empresas de marketing contratadas pela indústria farmacêutica. “Eles publicam esses estudos como se fossem produzidos por *experts* da comunidade acadêmica”. O alerta da jornalista não é o primeiro. O pesquisador Sergio Sismondo, da Queen’s University, no Canadá, no artigo *Ghost Management: How Much of the Medical Literature is Shaped Behind the Scenes by the*

Pharmaceutical Industry?, lista uma série de trabalhos sobre a prática do *ghost writing*. Artigos são produzidos por “autores fantasmas” a serviço dos laboratórios, porém,

assinados por acadêmicos – infração prevista no Código de Ética Médica brasileiro.

A Federação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Febrafarma) diz desconhecer a ocorrência de casos semelhantes no País e afirma que “prega o respeito à ética e à verdade científica”. “Nosso Código de Conduta determina que os dados divulgados sejam apresentados com honestidade, imparcialidade e equilíbrio”, manifestou-se a entidade, em nota.

Para se proteger contra pesquisas comprometidas com interesses de laboratórios farmacêuticos, Roberto d’Ávila sugere que o médico desenvolva uma atitude crítica de toda leitura, procurando meta-análises e resultados obtidos na Medicina Baseada em Evidências. “Basta não acreditar em tudo que lê”, afirma.



Médica fala de sua experiência

“Fui testemunha direta da influência que a indústria exerce sobre a pesquisa médica durante as duas décadas em que trabalhei para *The New England Journal of Medicine*. A característica dessa publicação é a pesquisa sobre as causas de doenças e seus tratamentos. Cada vez mais, esse trabalho é patrocinado por laboratórios farmacêuticos. Vi laboratórios começarem a exercer um nível de controle sobre o modo de conduzir pesquisas que era inexistente quando iniciei meu trabalho na revista. E o objetivo nítido era o de viciar os dados para garantir que seus medicamentos apresentassem bom desempenho. Por exemplo, as empresas podiam exigir que os pesquisadores comparassem um novo medicamento com um placebo em vez de compará-lo com um medicamento antigo ainda em uso. Desse modo, o desempenho do novo medicamento parecia bom, mesmo que ele pudesse de fato ser inferior em relação ao outro medicamento já em uso. Existem outros modos de influenciar pesquisas, e nem todos eles podem ser detectados, até mesmo por peritos. Evidentemente nós recusávamos esses estudos quando os identificávamos, mas com frequência eles acabavam publicados em outras revistas. Às vezes, os laboratórios farmacêuticos simplesmente não permitem que os resultados sejam publicados, quando não são favoráveis aos medicamentos que produzem. À medida que vi o aumento da influência da indústria, fui ficando cada vez mais perturbada com a possibilidade de que grande parte das pesquisas publicadas apresentasse falhas graves, levando os médicos a acreditar que os novos medicamentos são em geral mais eficazes e mais seguros do que realmente são.”

Marcia Angell, na Introdução de seu livro “A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos: como somos enganados e o que podemos fazer a respeito”